

Alberto Lins Caldas

DER-
RELI-
ÇÃO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

andante

estava deitado, entregue à poltrona e ao peso inerte do corpo cansado. longe se desenhava na escuridão da terra uma baía ainda iluminada por impressões de luz, intensas o suficiente para vincarem a água com o sabor amadeirado do suco dessas frutas que invadem os verões com a embriaguez do seu aroma ou dessas carnes tostadas lembrando açúcar queimado ou o corado da crosta do pão saindo do forno.

ilhas negras pontilhavam no silêncio como montículos de fuligem ou escaravelhos mortos sobre grama calcinada. promontórios acobreados separavam o céu, ainda tocado pela tristeza de certo azul, do intermitente das águas castanhas, embrumando, aos poucos, no sem pressa da noite íntima, as terras que se perdiam por trás do olhar.

não havia mais horizonte nítido apartando o céu das águas, mas uma pele fina e negra entre a terra e o mar. algumas estrelas sobre essa marinha pastosa e pulverulenta formavam vagarosamente entre o céu e os reflexos na água uma sutil teia de aranha, e as ilhas distantes se mesclavam com as manchas vivas das cores transfiguradas a cada instante, trêmulas com a grande treva preguiçosamente se espalhando, acrescentando sempre mais centelhas às águas e à esfera.

o movimento do veículo tornava ainda mais gelatinosa as extensões terrestres, liquefazendo o brusco inesperado das escarpas; os coágulos que eram as ilhotas fervilhavam entre o olhar e a paisagem, como se fossem parte dele; delineadas no barro as enseadas serpeavam como fumaça; onde as vagas se tornavam visíveis numa baba esbranquiçada, como se o oceano espumasse por algum remordimento inimaginável, se adivinhava os arrecifes, os bancos de areia, as ilhas submersas; as baías se encaixavam em gomos visquentos como depois da queda uma fruta aberta e madura; o grande promontório boiava trêmulo entre a penumbra e o vinho aligeirado das águas; a linha das praias, onde apodreciam esponjas enfastiadas, como fios de cortiça se estiravam delimitadas por imensa lâmina de oxigênio leitoso; de onde faiscava,

como se a cerração se infiltrasse com uma sumarenta branquidão aprisionada, se devassava o insensível das salinas; a umidade cinza lentamente se desconsolava; e no negrume das terras se pressentia, quase sentindo na pele, na língua e nos olhos, florestas, nascentes, riachos, cascatas, lagoas, algum pântano dissimulado e a estrumeira dos mangues entre as árvores por onde caranguejos indiferentes roíam sobre a lama borbulhante restos de peixe e o fermentado vegetal levado até ali pelas correntes; enquanto o indistinto horizonte e o firmamento se enegreciam, pontuados pelas primeiras grandes estrelas, as veredas desfrequentadas, os caminhos largos, as estradas requemadas pontuadas por arborescências multicoloridas e as casas, dispersas por sobre rochas que se abatiam consumidas pelo viço das raízes em busca das águas subterrâneas, visagens da imaginação, desapareciam, como se não existissem, engolidas pela distância.

meus olhos fixamente tentavam capturar essa paisagem líquida, quadros mais de dentro do que do mundo, como se pudéssemos sentir novamente nos pés a areia etérea da beira-mar se desfazendo

por entre os dedos; a areia ensopada afundando sob o peso dos corpos na imitação afeminada e indolente, quase impecável, do andar e seu ritmo; a areia grudenta na

fronteira sempre móvel no fim das ondas, cheia de tudo que é lançado na praia, desde águas-vivas exaustas ou mortas, cabeças de peixe, metais enferrujados, madeiras, frutas, fiapos de alga até a cerâmica que as chuvas carregam do continente, sem pressa, eu disse, como se quisessem construir alguma casa submersa, escondida do olhar; a areia saturada de sal, dos visgos da água do mar, quase córnea, desistindo do desejo de começar a ser pedra.

ao mesmo tempo sentíamos o bálsamo adocicado das minúsculas flores vermelhas, azuis e amarelas arrebatando num aglomerado verde, viçoso e rasteiro logo além da linha das águas, onde alcança mais distante a maré nos dias de tempestade, como se fossem vaga-lumes numa estranha noite urdida com ressequidos de folha e bagaços tostados de galhos miúdos. margeando essas flores, polvilhadas por minúsculas espinhas de peixe e carapaças dos mais variados crustáceos, apanhávamos ovos brancos e vazios que eram, na verdade, excêntricos esqueletos de ouriços mortos e vez em quando os espatifávamos, rindo, e entre os dedos degustávamos o prazer e o som mineral daquela estrutura se dissolvendo, se desarticulando como inseto esmagado pelas mandíbulas de um louva-a-deus faminto; recolhíamos, em toscas espirais de algas turquesas, ruças ou vermelhas, tostadas pelo vento e curtidas pelo

sol, dos mais estranhos pássaros e répteis, insignificantes ovos que eram verdadeiras e frágeis pérolas sarapintadas com os mais díspares matizes, formas, cheiros, e que, ao tato, lembravam coisas adocicadas, outros um sabor acre, desses que ardem na língua, ou a frescura de algo aconchegante, acetinado, misterioso, ou o salgado leve do peixe comido cru em alto mar, outros ainda algo azedo, grave, como a acidez de folhas, raízes e sementes; e desincrustávamos do calcário frouxo, partindo ao meio como se abrem certas concreções buscando fósseis, ásperos ovos de pedra, repletos, por dentro, de lícidos cristais ao redor de uma esfera oca, tentando fixar, nas arestas múltiplas, nossos olhos e a passagem desses olhos fragmentados em olhares diferentes, como se muitos estivessem ali de dentro nos olhando.

respirávamos o iodo vivo dissolvido na atmosfera pela brisa vinda por entre os sargaços amontoados e pensávamos em poder voar sem a consciência, sem o peso da nossa existência, sempre entre a água e os rochedos, onde faríamos o ninho e vendo ao longe navios aparecerem e sumirem, sem sabermos que eram navios e que aquele nada entre o verde e o azul era o horizonte. e quando quiséssemos mergulharíamos nas vagas em busca dos fartos cardumes de onde traríamos, semidevorados na garganta

e no estômago, regurgitando depois aos filhotes que nasceram naquela manhã e piavam com a força de uma fome insaciável, um renitente e gordo peixe. mas não saberíamos que éramos aves, não saberíamos que aqueles eram nossos filhotes e muito menos que aquilo nos prendendo um ao outro era somente a fome e o desejo de viver sem razão.

e diante do impalpável daquele mundo, aberto, denso, esponjoso, intumescido, nos deitamos na vívida areia da praia.

há um momento, quando se atinge a precária perfeição, o encontro entre corpos tão diferentes, tão assimétricos, matemática e quimicamente tão adversos e tão distante quanto os minerais dos seres vivos, quando o gozo, a felicidade e o bom humor se unem num movimento interminável, fugaz e perene, onde a um instante imperavam espaços, opacidades, sensibilidades e tempos diversos, que se consegue uma dissolução religiosa de tudo aquilo que nos separa do mundo, dos outros e de nós mesmos, como duas fendas que se completam e se anulam, criando dois corpos transparentes se olhando em busca de algo, como cicatriz esquecida da ferida, quando, nessa transparência, na verdade, só podemos ver a nós mesmos e não ao outro, numa fixidez de olhos, vendo um através do outro.

e ao longe, a tempestade riscando o brunido de prata das nuvens desabando logo mais à noite; os rendilhados reflexos violetas no ar amanteigado e marinho; o branco de casca de ovo das praias se perdendo ao longe, pintalgados com os verdores das matas e os azulados do céu; a garoa salgada que durante a escuridão invadiria aquele mundo marulhando no silêncio; e bem por dentro o duradouro diálogo de todas as vozes que nos compõe e não cessam de se mover, se calaram, fechando os olhos, e todas as dimensões das cores, dos cheiros, dos ruídos e da carne, o antes e o depois, o perto e o longe, os dois universos espelhados, num transe delicioso e sagrado, como se jamais houvesse sido assim, dissemos depois, multiplicando a ilusão, mergulhou por dentro de nós, nos diluindo no antes de tudo e nos recompondo, entre os olhos abertos, com uma realidade maior do que aquela ao redor desse ponto imóvel que num minuto, breve e longo como todo sonho, quase instantâneo e incomunicável, se transformando em dor e exasperação, despencou como uma estalagmite de pó-de-madeira, se espatifando nos mil elementos que voltaram, depois do sono, a nos pertencer.

compomos assim, com a sutileza dos gestos e o ímpeto viscoso da mistura dos líquidos, no sumidouro inconsciente do mundo na primeira vez que nos tocávamos,

um painel lúbrico, desbastado e úmido no areal sob nossos corpos, deixando, nessas marcas, minúsculos seres esmagados. rimos depois olhando aquele baixo-relevo que, iniciando a nova fase do nosso encontro, moldava, numa matéria mole, porosa, friável, sem permanência, ligeira e efêmera, um momento que se dizia, cheio dos temores de todo amor, sempiterno, sólido e durável; ao mesmo tempo envergonhados e felizes com os inesperados uivos, arrulhos, relinchos, miados, suspiros e risadas que, criados por nós, nos envolveram numa atmosfera apimentada, animal e onírica. e saímos dali escrevendo na areia molhada palavras que chegavam sem se saber de onde; desenhos de rostos, bichos, árvores, casas, corpos; rabiscos que lembravam sonhos; e de repente, junto com nossos passos naquela dança, as ondas vinham e apagavam, completando a brincadeira com uma ironia que não dissemos um ao outro, mas com certeza tocou nossa imaginação e nosso medo.

das sensações dessa praia antiga, da polpa viva de um paraíso extraviado, sempre mantido longe do recordar, veio nascendo como cerração fria, aproveitando meu cansaço, outra praia muito tempo depois daquela, em pleno inferno, e não resisti, me entregando, ali deitado naquele veículo, a mais uma recordação inesperada.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em setembro de 2022.
